

Maison du Brésil – cotidiano e experiência de pesquisadores brasileiros em Paris

Leonardo Francisco de Azevedo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3401>

DOI: 10.4000/pontourbe.3401

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Leonardo Francisco de Azevedo, « Maison du Brésil – cotidiano e experiência de pesquisadores brasileiros em Paris », *Ponto Urbe* [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 junho 2017, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3401> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3401

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Maison du Brésil – cotidiano e experiência de pesquisadores brasileiros em Paris

Leonardo Francisco de Azevedo

REFERÊNCIA

BRUM, Ceres Karam. *Maison du Brésil – um território brasileiro em Paris*. Porto Alegre: Evangraf, 2014, 231pp.

- 1 A antropologia brasileira, concebida a partir de referenciais externos, sobretudo europeus, construiu-se principalmente a partir de uma reflexão sobre nós próprios. Nos termos de Stocking Jr. (1982), seríamos tradicionalmente uma “antropologia da construção da nação”, focados em trabalhar “em casa”, em oposição a uma “antropologia da construção de impérios”, que caracterizou as investigações dos países do norte global que por muito tempo realizavam suas investigações apenas em terras estrangeiras. Entretanto, cada vez mais antropólogos brasileiros têm realizado pesquisas e reflexões sobre a realidade internacional, fazendo etnografia em termos transnacionais.
- 2 É neste contexto que se insere o livro “*Maison du Brésil – um território brasileiro em Paris*”, publicado em 2014 pela editora gaúcha Evangraf. Este livro foi resultado da pesquisa de pós-doutorado realizada por Ceres Karam Brum em 2010. A autora, já conhecedora do cotidiano da *Maison* desde 2003, quando lá habitou em razão de seu doutorado sanduiche, retornou àquela casa para torná-la *locus* de sua reflexão. O antropólogo, ao buscar “lugares antropológicos” (AUGÉ, 1994) para realizar sua etnografia, raramente olha ao seu redor, para o lugar onde ele próprio se encontra. Brum, nesse livro, nos atenta para esse fato, ao enfatizar que aquela casa, criada especificamente para receber pesquisadores brasileiros em Paris, era ela própria um lugar antropológico por excelência.

- 3 Esse detalhe é fundamental para compreender a relevância da pesquisa realizada pela antropóloga. Se há décadas o papel do pesquisador é colocado em questão pela teoria antropológica, nessa pesquisa a autora não apenas se apresenta no campo, mas tensiona radicalmente seu lugar, pois ela própria é moradora e pesquisadora da *Maison*, como todos os seus interlocutores. O grande desafio apresentado pela pesquisa, portanto, é como manter o estranhamento necessário para garantir uma reflexão sobre a alteridade naquele contexto, estando ela mesma dividida entre a condição de “nativa” e “pesquisadora”.
- 4 Frente a esse desafio, Brum organiza o livro a partir de três grandes capítulos, conduzindo o leitor por uma análise multidimensional sobre a *Maison du Brésil*. Nestes capítulos a autora apresenta, conforme apontou Ruben Oliven no prefácio do livro, uma densa etnografia da vida na *Maison* - ou uma descrição densa, em termos geertzianos (GEERTZ, 1989).
- 5 No primeiro capítulo, a autora faz uma reflexão mais ampla, sobre os sentidos e significados acerca da cidade universitária francesa, especificamente a casa brasileira, tensionando e revisitando conceitos caros para esse tipo de reflexão – como cosmopolitismo, internacionalismo e nação – evitando certos tipos de essencialização e naturalização em torno dessas palavras que, por serem utilizadas em demasia, muitas vezes acabam por perder a potência de suas definições.
- 6 A autora nos mostra como o ideal civilizatório francês foi corporificado na *Cité Internationale Universitaire de Paris* (CIUP). Essa cidade abriga uma série de casas de diferentes países – dentre elas a *Maison du Brésil*. A CIUP foi criada na França com o objetivo de formar uma pretensa “elite intelectual mundial”, tendo como sustentação a ideia de uma civilização universalista de formação. O emprego do termo “elite”, que inclusive era recorrentemente utilizado pelos interlocutores da pesquisadora, servia à pretensão da *Cité* em fazer com que “os agentes possuidores de certa distinção social (os membros da elite) fossem socializados para retornarem a seus países e se tornarem disseminadores”(BRUM, 2014:29).
- 7 Já no segundo capítulo, a *Maison*, até então vista por “fora”, nos é apresentada em seu íntimo. Brum nos mostra o cotidiano da casa, as interações nos quartos, cozinhas e nos diferentes andares do edifício. Além disso, nos apresenta como os laços sociais e acadêmicos são estabelecidos e desenvolvidos ali dentro, bem como os significados morais produzidos nessas relações.
- 8 De acordo com a autora, o processo de aprendizagem da convivência, de compartilhar um mesmo espaço, é uma experiência ao mesmo tempo partilhada, mas individualmente vivida, pois cada pesquisador ali residente possui seus objetivos e suas trajetórias, mas estabelece, concomitantemente, laços sociais e acadêmicos, de identificação e solidariedade, convertidos em laços afetivos. Mesmo que a individualidade e a vida privada de cada residente ali estejam presentes pelas “portas fechadas de seus quartos”, há o estabelecimento de grupos na *Maison*, que por vezes chegam a se autodesignar como famílias. A autora destaca que sua análise corrobora com uma intencionalidade existente, nas residências estudantis, de regramento e promoção da vivência e do coletivismo.
- 9 Por fim, no terceiro capítulo, a autora nos permite compreender as potencialidades de se pensar antropológicamente aquele lugar. Longe de ser apenas um espaço de passagem, a *Maison* brasileira é constituída de toda a pluralidade, tensões e descontinuidades que formam a própria realidade brasileira. A partir dos discursos de diferentes moradores,

Brum nos mostra as dificuldades enfrentadas individualmente – como a questão da língua, as produções das teses e pesquisas daqueles sujeitos, as mudanças subjetivas ocorridas – bem como as “imagens do Brasil” constantemente negociadas e redimensionadas por aqueles moradores.

- 10 Neste capítulo nos é apresentado, por exemplo, que ao mesmo tempo em que aqueles estudantes negavam algumas representações acerca do Brasil – como a ideia de um país idílico e erotizado, representado naquele estabelecimento pela existência de dois ‘manequins’ de índios na entrada do local – buscavam outras categorias para se reafirmarem enquanto brasileiros, como fazer feijoada e jogar futebol. Nesse processo, há uma manipulação de imagens partilhadas do Brasil, sendo que estes estudantes, mesmo estando em um cenário francês, discursado como cosmopolita e multicultural, selecionam elementos que “alude ao nacional brasileiro e a vivência da diferença tem como um de seus objetivos suportar as contradições em que se encerram estes processos educacionais” (BRUM, 2014:159)
- 11 Desta forma, por mais que a casa e sua própria arquitetura – projetada por Lucio Costa e Le Corbusier – sejam reflexo do imaginário moderno e civilizado sobre o Brasil, em voga no período de sua inauguração (1959), o ideal universalista ali pretendido encontra suas limitações, existindo uma série de práticas e interações que reafirmam as representações sobre “ser brasileiro”, permitindo àqueles indivíduos se reconhecerem e de gerar reconhecimento nas interações lá estabelecidas.
- 12 Fazer uma “antropologia da academia”, nos termos de Lima (1997), exige do pesquisador um esforço considerável para garantir o estranhamento necessário para a compreensão da alteridade. Esse desafio esteve presente de forma permanente para Brum, considerando que seus interlocutores eram todos pesquisadores e/ou estudantes de pós-graduação, conhecedores e pertencentes ao “mundo” do qual a pesquisadora vinha. Ficam claros estes dilemas ao perceber que ela encontrava ali uma série de categorias que a tornava mais “nativa” do que “estrangeira” daquele local: brasileira, universitária, falante do francês. Entretanto, ao se colocar enquanto uma pesquisadora, cujo objetivo era apreender a realidade daqueles moradores brasileiros que vivenciavam uma experiência “privilegiada” no exterior, a autora conseguiu apresentar para o leitor o esforço antropológico de reflexão em torno daquele lugar, mostrando-o também como um “lugar antropológico” por excelência.
- 13 A grande contribuição de Brum, com esse livro, é nos apresentar as casas universitárias em geral, e a *Maison du Brésil* em particular, “em sua diversidade como pedra de toque das particularidades culturais das experiências de sociabilidade, intimidade e educação dos grupos”. (BRUM, 2014:18), lembrando De Certau, em que “o espaço é um lugar praticado” (DE CERTAU, 1998:202 *apud* BRUM, 2014). A partir da etnografia da *Maison*, a autora nos mostra como a casa tem um papel fundamental na produção de uma distinção de certo grupo privilegiado, que tem como pretensão ser a elite intelectual brasileira. Logo, estar nesse lugar passa conseqüentemente por incorporar determinado *ethos*, que os diferencia dos brasileiros que ficaram em sua terra natal ou mesmo de outros brasileiros que possam estar em Paris como turistas ou imigrantes.
- 14 A autora, por fim, nos apresenta no posfácio do livro o seu próprio retorno ao Brasil. Experiência vivenciada por todos aqueles que se tornaram seus interlocutores de pesquisa, Brum optou por apresentar sua própria experiência de retorno como encerramento da obra. Num misto de nostalgia e síntese, nos é apresentada a trajetória da própria pesquisadora em sua investigação na casa. Recorrendo a Wacquant (2002), em que

redefine a observação participante como “participação observante”, Brum destaca que tal opção não se deu apenas como um recurso metodológico, “mas especialmente do ponto de vista do desejo do pesquisador, de seu processo de subjetivação em relação à aceitação do grupo e a si mesmo” (BRUM, 2014:178).

- 15 Considerando a reflexão constantemente acionada na antropologia sobre o lugar do pesquisador na realização da etnografia, talvez a grande contribuição de Brum seja a disposição e sinceridade em pensar seu próprio papel naquele contexto, em que muitas vezes ela era mais atriz do que observadora da *Maison*.

[...] é necessário admitir que vivi uma contradição latente no processo de observação participante. Por vezes fui mais residente que pesquisadora (mais ator que observador), sem que, no entanto, tenha sentido minha capacidade de estranhamento prejudicada. [...]Viver na *Maison du Brésil* foi um desafio diário de relativização de meus objetivos e desejos acadêmicos e pessoais, em que fui também uma residente em trabalho de campo como tantos outros que lá residiram e que estabeleceram um conjunto de laços sociais temporários, mas muito marcantes e por isso perenes. Eles (sem exagero) nos fazem suportar e levar a termo um *séjour* de pesquisa em Paris. (BRUM, 2014:184)

- 16 O dilema apresentado por Brum certamente é o dilema vivido por grande parte dos antropólogos e antropólogas em campo, que, em diferentes graus, são constantemente afetados, requerendo dos interlocutores a cumplicidade necessária para conseguirem vivenciar aquele lugar e, sobretudo, terem a capacidade de objetivar a experiência em sua totalidade para então produzir a tão sonhada etnografia. Brum, longe de deixar acobertada essa dimensão tão pessoal e íntima do pesquisador, faz de sua própria experiência o fio condutor de uma reflexão mais ampla e pertinente sobre o que significa ser um pesquisador, em terras estrangeiras, de um país tão contraditório e desigual como o Brasil. Dessa forma, mostra que a antropologia brasileira, tradicionalmente uma “antropologia da construção da nação” (STOCKING JR.,1982), tem acúmulo suficiente para reflexões além das fronteiras nacionais, com contribuições à teoria antropológica.

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, Marc. 1994. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Bertrand Editora.
- BRUM, Ceres Karam. 2014. *Maison du Brésil – um território brasileiro em Paris*. Porto Alegre: Evangraf.
- GEERTZ, Clifford. 1989. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- LIMA, Roberto Kant de. 1997. *Antropologia da academia: quando os índios somos nós*. Niterói: EDUFF.
- STOCKING JR., George W. 1982. “Afterword: a view from the center”. *Ethnos*, v. 47, n. 1-2:172-186.
- WACQUANT, Loïc. 2002. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

AUTOR

LEONARDO FRANCISCO DE AZEVEDO

Doutorando em Ciências Sociais - PPGCSO/UFJF

leonardoazevedof@gmail.com